



## **BULLYING: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA**

PAUTZ, Sílvia<sup>1</sup>; SOUZA, Antonio Escandiel de<sup>2</sup>;  
CAMARGO, Maria Aparecida Santana<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** Agressão Repetida. Exclusão. Intimidação. Poder.

### **1 INTRODUÇÃO**

Embora o *bullying* seja um problema muito antigo, ainda está presente na vida de algumas pessoas da sociedade atual e no cotidiano dos educandários, principalmente quando as vítimas apresentam diferenças estéticas, econômicas, na maneira de falar e de se vestir, dentre outras. Trata-se de uma agressão ou violência repetida, na qual pais e professores encontram dificuldades para detectá-la e, assim, diagnosticar, pois omitem o fato em consequência do medo que sentem do *bullies*.

Diante desta problemática, percebe-se a imprescindibilidade de aprofundar conhecimentos sobre esse assunto, visto que, mesmo sendo uma questão muito discutida na contemporaneidade, ainda não atingiu toda a sociedade, uma vez que são inúmeros os casos em que sujeitos são excluídos do seu meio. Nesse sentido é que o estudo realizado valeu-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, o qual tem como autores principais desta discussão Barros (2008), Carvalho (2014), Klein (2011), Silva (2010) e Teixeira (2013).

### **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A palavra *bullying* parece ser um termo novo, mas o fenômeno sempre existiu. Para Carvalho (2007), o primeiro a associar a palavra ao fato foi o professor universitário da Noruega, Dan Olweus, quando realizava pesquisas sobre os suicídios entre adolescentes. Por meados de 1970, ele constatou que a maior parcela dos jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e, conseqüentemente, se matavam para acabar com o mal.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Bolsista FAPERGS. E-mail: [silvia.pautz@hotmail.com](mailto:silvia.pautz@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade de Cruz Alta. Co-orientador da pesquisa. E-mail: [asouza@unicruz.edu.br](mailto:asouza@unicruz.edu.br)

<sup>3</sup> Professora Doutora da Universidade de Cruz Alta. Orientadora da pesquisa. E-mail: [cidascamargo@gmail.com](mailto:cidascamargo@gmail.com)



A popularidade do fenômeno cresceu com a influência dos meios eletrônicos, como a internet, o rádio e as reportagens na televisão, pois os apelidos pejorativos e as brincadeiras ofensivas foram tomando proporções maiores. Como tem consequências irreparáveis, torna-se necessário se discutir cada vez mais cedo na escola e de forma mais séria o tema.

Sob este enfoque, é possível afirmar que o *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, as quais podem ser intencionais e repetidas, que acontecem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais sujeitos contra o outro, o que gera dor e angústia. Conforme Silva (2010, p. 21), “a palavra *bullying* ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e ainda sem tradução no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninas quanto de meninos”. Já nos dicionários, a palavra *bully* significa um cidadão violento, tirano, mandão, brigão.

Seguindo as ideias da autora, os atos repetidos de discriminação entre colegas e o desequilíbrio de poder são os fatores essenciais para a intimidação da vítima. No começo, pode ser considerada uma brincadeira, porém deve-se dar uma atenção especial a esses casos, pois a agressão moral, verbal e até corporal podem levar esses alunos a sofrimentos tão profundos fazendo com que pratiquem o suicídio, em casos extremos. Diante desse fenômeno, o indivíduo pode estar no lugar de vítima, de agressor ou de testemunha. Em qualquer uma dessas categorias poderá haver complicações pessoais e até sociais.

As razões para a prática do *bullying* são inúmeras, mas ocorrem porque na relação entre as pessoas não há aceitação das diferenças, ou seja, não se tolera o que não se assemelha a todos. De acordo com Klein (2011), este fenômeno, geralmente, se evidencia por: a) Aparência física; b) Situação econômica; c) Razões circunstanciais; d) Religião / Sotaque diferente/ Raça/ Deficiência física, dentre outras.

Para Silva (2010) e Teixeira (2013) as atitudes que podem levar à prática do fenômeno em discussão se configuram, muitas vezes, de forma direta ou indireta, contribuindo para a exclusão social da vítima e a evasão escolar. A forma direta se manifesta quando o agressor intimida seu alvo de forma verbal e, a outra, não é tão fácil de identificar, pois se revela através de invenções de histórias e comportamentos velados, ocasionando, assim, a exclusão social de quem sofre. O fenômeno pode ser dividido em quatro tipos: verbal, físico, moral ou psicológico e sexual.

Na compreensão dos autores, as formas em que o *bullying* se propaga são variadas: a verbal se dá através de ofensas, gozações, apelidos pejorativos e piadas. A física quando houver batidas, chutes, espancamentos, beliscões, roubos ou destruição dos pertences da



vítima. O psicológico e a moral são afetados quando a vítima fica irritada, é humilhada, ridicularizada, excluída, isolada, desprezada, chantageada e perseguida. Já a sexual se refere a ameaças de abuso, assédios, insinuações e atos de violência contra alguém. Esta atitude deplorável ocorre normalmente entre meninas e meninos, e entre jovens do mesmo sexo.

Conforme Silva (2010) e Teixeira (2013), além dessas categorias citadas, há também o *ciberbullying*, o qual surgiu devido ao avanço da informatização, bem como da facilidade ao acesso a internet que contribui para a popularização desse novo fenômeno, ou seja, é mais uma forma para manifestar-se a violência escolar. Deste modo, essa agressividade ou ataque virtual se dá através de intrigas e difamações, as quais são difundidas pelos aparelhos eletrônicos, ou seja, postadas em *sites* ou divulgadas pelo celular. Ao surgir uma destas situações no ambiente escolar, Barros (2008), sugere que a intervenção do educador ou de outro profissional da educação seja imediata, pois, uma vez omitida ou, até mesmo ao sorrir devido uma piada ou algum comentário, este pode deixar de merecer a consideração dos educandos.

É imprescindível realizar um estudo minucioso, debater e aprofundar o assunto em questão, pois nas afirmações de Silva (2010), cada cidadão em algum momento de sua vida já foi vítima de um *bully*, uma vez que os agressores não estão apenas em instituições educacionais, eles podem estar em qualquer repartição pública da sociedade. No ambiente familiar, os *bullies*, ou seja, os valentões experientes podem ser observados nas figuras de pais, mães ou irmãos dominadores, manipuladores, capazes de menosprezar seu próximo, ou melhor, seu alvo favorito.

Nessa perspectiva, o docente, em primeiro lugar, demonstra o quanto tolera, reconhece e admira as diferenças. Ele precisa ser capaz de distinguir uma brincadeira entre os alunos, uma piada aceitável, de uma agressão e, a melhor forma de identificar, conforme o autor mencionado, é colocar-se no lugar da pessoa alvo. Entretanto, o *bullying* não é um caso apenas para os educadores darem conta e sim, é papel da sociedade juntamente com a família construir uma comunidade na qual todas as relações sejam valorizadas e consideradas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema merece maior atenção de pais e docentes, já que as crianças e adolescentes são o público-alvo favorito para a prática do referido fenômeno, os quais sofrem as maiores humilhações e difamações de ordem racista/étnica, etc., o que resulta em baixa estima, queda



de rendimento escolar, doenças psicológicas, traumas que influenciam na personalidade, ou seja, as vítimas ficam isoladas, se tornam agressivas e reclamam de alguma dor ao ir à escola.

Constata-se que muitos cidadãos desconhecem a profundidade desse assunto, outros afirmam que conhecem e sabem identificar, mas não sabem que atitude tomar. É mister, portanto, criar meios para que toda a comunidade seja informada sobre o que é realmente *bullying*, os motivos que levam um sujeito a ser agressor ou vítima, como identificar e o que isso causa na vida de uma pessoa. Então, quanto mais clareza as pessoas tiverem sobre esse tema, mais fácil será para desenvolver estratégias e práticas socioculturais que contribuam para minimizar esse fenômeno ainda presente em pleno século XXI.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Andréia. *Bullying: é preciso levar a sério ao primeiro sinal*. **Revista Nova Escola**, São Paulo, abr. 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/bullying-preciso-levar-serio-431385.shtml>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

CARVALHO, Marília Pinto de. Violências nas escolas: o “bullying” e a indisciplina. **Observatório da Infância**, Rio de Janeiro, ago. 2007. Disponível em: <[http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id\\_article=233](http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=233)>. Acesso em: 20/08/2014.

KLEIN, Cristina. *Bullying na Escola: manual de orientação aos pais e professores*. Blumenau: SC. Blu, 2011

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TEIXEIRA, Gustavo. *Manual Antibullying*. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.